

## O Colecionador de lembranças

O colecionador de moedas e cédulas estava desempoeirando a sua coleção quando se deteve em lembrança com uma em especial: o conto de Reis. Lembra-se do tempo da Monarquia Portuguesa. Eça de Queirós fala do dinheiro da época, nessa moeda. É, e os mais antigos às vezes ainda nomeiam o dinheiro atual com este nome. Falam ao balconista: Desejo um conto de reis de carne mais cerveja e queijo com goiabada. Os mais jovens, acredito, que pelas mudanças urgentes de moedas para moedas em socorro ao País, que não lembrarão. Sei que fizeram parte do movimento estudantil cara-pintada, na época do Fora Presidente. Nas ruas um povo unido de esperança pela mudança para um País melhor. Ou até leram sobre isso. Talvez, apenas os profissionais da área financeira saberão. Após, colocou a mão direita sob o queixo como escora e pensou: Também coleciono fatos em uma biblioteca pessoal e interna aonde às vezes vêm à tona os acontecimentos que passei. Muitos esquecidos, outros nem vale a pena lembrar. Só de mexer ali dá calafrios. Alguns são segredos. Coloco uma pá de cal em cima. As boas lembranças, as vitórias sempre revivem. Assim conto nos momentos de descontração.

O espelho estampa um rosto absorto, Chico Franco, cabelo grisalho, perfil Europeu e barba rala. Um momento feliz. A sensação que me advém

frente ao mar é de euforia, o ruído das ondas que se chocam com as pedras, os pés descalço na areia, o olhar a se perder de vista, o azul do Céu unindo ao do mar. Indescritível! Foi à palavra que precipitou a minha mente. As jovens banhistas de tangas, aí aquelas tangas desejadas. Desviou-me o sentido, os hormônios falaram mais altos. Subiu-me um furor. Mergulhei no azul do mar, para arrefecer. Mas o pensamento preso nos atributos das belas sereias ficou. Aqui nesse paraíso conheci o meu primeiro amor. O ocorrido mais sublime da coleção de lembranças. Essa paixão encantou-me, nem a beleza do mar, nem os atrativos das turistas conseguiram desfazer esse feitiço.

A química do amor. Até hoje. Somos grudados feito tatuagem. Ganhei o apelido de pé de valsa, dos mais próximos. Sempre presente no bailão romântico. Minha deusa, companheira e musa, me acompanha. Com a música entoando na ar: Besame Mucho- Ray Conniff dois pra lá e cá, muito agradável. E vem o samba de Ari Barroso, daí o salão fica quente e pequeno para o requebrado dos quadris e o pisado do dos pés no ritmo. Depois o bailado suave e gostoso do xote do Falamansa, e para acabar com o Casal. A próxima, àquelas românticas do Roberto, corpos suados, grudados embalados de arrancar suspiros e a noite no seu auge, e nós, creio que todos ao redor também encantados se sentindo feitos Rei e Rainha, girando, girando no salão, num bailado feliz enquanto tudo parece eterno, mais é, tão durável que faz parte dessa coleção, às vezes quanto limpo a

poeira, sacolejo amemória, sinto que o tempo não apagou. Neste mesmo tempo um amigo daqueles que só arrumava confusão, amizade mais cara de todas as emoções que pude viver.

Por quê? Ah! Juntei um bom capital na poupança, época em que compensava poupar. Essa dava um sentido de segurança financeira futura. Mas, num belo dia chuvoso resolvemos entrar em um restaurante, desses que para cada cliente é dado uma comanda na entrada. Quatro inseparáveis companheiros. Após deliciarmos com os quitutes do estabelecimento. O amigo irrequieto, descuidamos dele, resolveu sair sem pagar. A partir daí foi um Deus nos acuda. Ele disse: corre. Três correram, fiquei ali para advogar a causa e pagar a conta. Nunca gostei das mirabolantes trapalhadas desse amigo, certa feita, íamos prestar um concurso federal na cidade maravilhosa resolvemos chegar um dia antes, e fomos, saímos para farrear com mulheres dadivosas, nunca negam nada, fomos os quatro como sempre nos divertimos, bebemos, falamos bastante bobagem rindo de nossas fraquezas e manias, de volta para o apartamento continuamos bebendo, o mesmo, aqueleque sempre nos deixa em saia justa estava diferente, comportado e com o pensamento em algo que estava lhe preocupando, notamos mais nem demos alarde achamos melhor não mexer com quem estava quieto, e foi melhor assim, pois, ao chegarmos no apartamento ele disparou para janela como quem quer cometer suicídio para fugir de algum problema indissolúvel até então, depois de segurarmos o suicida a força

com o olhar fixo no intento, não pronunciou nenhuma palavra, mas não poderíamos entender com a quantidade de álcool ingerido. Sossegou. E adormecemos. Acordamos no esquecimento do momento da madrugada passada. Se não víssemos nosso companheiro amarrado, contido. Perguntou-nos por que estava assim. Perguntamos por que ele estava diferente, caiu aos prantos, como criança e desabafou: por sair de nossa cidade sem avisar a namorada que iria prestar concurso, deixou-a plantada, toda arrumada e cheirosa para passear, ela ligou dando o fora nele. E disse: desta vez não terá volta! - falar dessa coleção ocuparia todas as páginas desse texto, ah, o concurso perdemos o horário da prova. Mas a praia estava linda como nunca. Nunca pensei também que nosso grupo teria destinos diferentes. O mais estudioso dos companheiros persistiu e passou num concurso da Polícia Federal. O quarto amigo um dia desses ligou-me disse que se sentia depressivo após um acidente de trânsito que o deixou sem a perna direita, durante um ano lamentou e trocou de mal com o criador, após conhecer um técnico paraolímpico e treinar para valer virou campeão nas competições de piscina, agora, vive mais conformado, lição de vida. O irrequieto casou-se com a moça da ligação do fora, vivem bem, disse que tem uma filha com os traços dele, garota lindíssima. Mas, para mim nas tardes de solidão quando a inquietação abre a janela da alma e teima em querer afogar-me. Destilo feito quem sorve uma cachaça forte. Sem entender as perdas ou sonhos não realizados. Que ainda faz folia no

cerebelo e deixa o coração sentimental. Sinto falta de alguém, algum momento que de incompleto se torna viciante. Ainda dança e deságua nos olhos gotas amargas e doces. Assim com poucas conversa, despeço do meu amor que me fita os olhos e me conhece e me abençoa o sentimento com o unguento do silêncio. Procuro o quarto, o sono. Fecho a janela dos pesadelos. Jung explica pelos conceitos da personalidade introvertida. Espero a Luz branda da manhã. Essa claridade reflete no quadro da parede um brilho naquela moeda especial. A propósito conta-se pela genealogia o início da linhagem de colecionadores ou numismáticos da família deu-se na noite anterior ao Grito do Ipiranga, quando Dom Pedro I presenteou o serviçal, o meu Tataravô com uma moeda de um conto de Reis, pela limpeza com uma almofaça do pelo e pés do cavalo, antes dos arreios para o evento de 07 de setembro de 1822. Esta se tornou a peça rara da coleção.

Autor – permitido a reprodução apenas para fins Educacionais.

Almir neves